

ONTEM, HOJE e AMANHÃ

Mário Melo

Vai completar, nêstes dias, seu quinto ano de vida a nossa Escola de Belas Artes.

Quando se fundou, tive meus receios de que não chegasse ao terceiro ano. As coisas úteis desapareceram com mais facilidade do que as perniciosas. Demais, a Escola de Belas Artes não tinha sequer um mecenas; não contava com recurso de especie alguma; era pecado pensar-se na hipótese de remuneração para o professorado. Além do idealismo e da boa vontade, nada mais havia que lhe assegurasse futuro.

Lamentavelmente, os homens de dinheiro de Pernambuco ainda não compreenderem que a melhor aplicação dum parte do seu capital ou de suas rendas é destinar o excedente de suas despesas a obras sociais, com o que se elevam no conceito público, ao mesmo tempo em que, engrandecendo-se, engrandecem também sua terra.

Manoel Almeida Alves de Brito deu o exemplo, mas ficou nisto. Ninguém o acompanhou. Note-se que não é ele o mais rico da cidade ou do Estado. E, apesar de ter dado mil contos de réis para uma obra social e de continuar a mantê-la, não se tornou o mais pobre.

Quantos, entretanto, acumulam riqueza em espécie, vivem anonimamente e morrem sem leva-la para o inferno—é das Sagradas Escrituras—para que os herdeiros ou legatários, às vezes extranhos á família, a discipem ?!

Mas deixemos a digressão. A Escola de Belas Artes atravessou já cinco annos sem mecenas, com aquêlê capital de idealismo e de boa vontade, e vai dando mostras de que também se vive com corda ao pescôço. Vive-se e honra-se a cultura do meio.

E o maior padrão de glória dos que a sustentam e a fazem viver é—o que só o futuro o proclamará—é que, numa época de utilitarismo, numa terra em que há homens ricos, são os pobres que a sustentam para honra do povo—pobres que ganham o pão de cada dia com Hoões domiciliárias, para distribuir á Escola, gratuitamente, o pão do as-

pirito aos que têm a visão da Arte.

E como estou com a mão na massa: Li nêstes dias que no início do mês que se aproxima, vai ser aberta, na Capunga, á rua das Pernambucanas um edificio confortável, mais uma casa de educação e de instrução, com o nome de Ginásio Vera Cruz.

Muitos dirão, com um mavimento de ombros: — Para que mais um Ginásio ?

Basta responder-lhes que somos um país, cujo indice de atraso é aferido pela percentagem de 70 % de analfabetos, e que tudo que vise a combater esse atraso é obra de patriotismo.

Não há muitos dias extravasei por aqui meu contentamento ante o progresso de um nosso educandário. Meu desejo é que os haja em abundancia é que cada um possa ir sempre superando os outros em aperfeiçoamento, deixando, porém, á distancia isso a que já se convencionou chamar de indústria ou mercantilização do ensino.

E preciso que o idealismo norteie a difusão do ensino. E esse idealismo só se me afigura real quando acontece como no caso da Escola de Belas Artes e da Faculdade de Comércio: o em que menos pensam os directores e os professores é na remuneração pelo seu trabalho.